

## UMA GRAÇA PARA A MATURIDADE CRISTÃ

*Teresinha das Neves Cota\**

\*Ms em Teologia, professora no ITESP

### Resumo:

É uma reflexão sobre a maturidade cristã a partir da Teologia Feminista. Traz traços sobre o Movimento Feminista no mundo contemporâneo. Fala do Neofeminismo e das reações ao Movimento Feminista. Procura resgatar as vozes abafadas da teologia e as perspectivas da Teologia Feminista. Analisa a metodologia e os critérios fundamentais, apontando as tarefas significativas como: revisão do discurso sobre Deus, renovação da linguagem teológica, a releitura bíblica com uma suspeita feminista, abordagem da Tradição, o resgate da dignidade da mulher, prioridade da vida.

**Palavras – chaves:** Maturidade cristã – teologia feminista – neofeminismo – metodologia – critérios fundamentais – tarefas: renovação do discurso sobre Deus – renovação da linguagem teológica – resgate da dignidade da mulher, prioridade da vida.

### Abstracts:

This is a reflection on Christian maturity from perspective of the Feminist Theology. Presenting some features of the Feminist Movement in the contemporary world. Speaking about the Neo-feminism and its reactions to the Feminist Movement. Seeking to rescue the silenced voices of the Feminist Theology and the Prospects. Examining the methodology and fundamental criteria, pointing out to sig-

nificant tasks, such as the revision of the discourse on God, renewal of theological language, biblical retelling with a feminist approach, suspicions on the tradition, promotion for the dignity of women, and the priority of life.

**Keywords:** Christian maturity – feminist theology – neo-feminism – methodology – fundamental criteria – tasks: revision on the discourse about God – renewal of theological language – promotion for the dignity of women, priority of life.

Maioridade e maturidade nem sempre se encontram. Uma pessoa atinge a maturidade quando supera o olhar hostil que vê em outra pessoa uma inimiga, uma rival, uma concorrente. Ao contrário, o olhar límpido e desarmado é capaz de enxergar a irmã, a companheira, a colaboradora tanto na tarefa do zelo ecológico, quanto da construção da história.

Teria o Cristianismo atingido esta maturidade? A resposta não é simples, ela precisa ser testemunhada por decisões e atitudes concretas. Um sinal incontestável de maturidade por parte das Igrejas cristãs será, sem dúvida, a acolhida ao amplo movimento das mulheres. Qualquer desdém ou postura misógina denunciará imaturidade e insegurança.

Para nós, mulheres, o que está acontecendo nestas últimas décadas é vivido como tempo de graça. A Teologia Feminista cristã (T.F.), na feliz expressão de Anne Carr, representa a *maioridade no Cristianismo*.<sup>1</sup> As mulheres assumem sua maioridade e rejeitam a tutela do patriarcado onde quer que este se manifeste.

A T.F. também tem uma história. Não podemos ficar apenas no horizonte das últimas décadas. Um olhar mais amplo nos conduz às teólogas místicas. Resgatar estas vozes abafadas é desafio ainda em aberto. Na parte final deste artigo apresentaremos algumas tarefas da T. F. Ao abordá-las perceberemos também suas principais características.

## 1. O Movimento Feminista como horizonte maior

A T.F. é antes um fruto que uma semente. Ela é mais bem compreendida dentro do contexto do Feminismo. O Feminismo produziu sementes para diversos movimentos feministas, inclusive para a teologia elaborada pelas mulheres de diversas Igrejas cristãs.

Que o Feminismo sempre existiu pode ser afirmado em diferentes sentidos. Em um sentido amplo, afirmamos o Feminismo, sempre que as mulheres, individual ou coletivamente,

<sup>1</sup> Cf. A. E. CARR, *Transforming grace – Christian Tradition and Women's Experience*. San Francisco: Harper & Row, Publishers, 1990, 5. É o título do capítulo 1: *Coming of age in Christianity*.

<sup>2</sup> Este conceito é usado com o seguinte sentido: toda sociedade organizada sob a autoridade do sexo masculino, considerando-a ponto exclusivo de referência para todos os membros e em todas as suas ações.

te, protestaram – ou, pelo menos, queixaram-se - do injusto e amargo destino vivido sob o patriarcado <sup>2</sup> e reivindicaram – ou pelo menos sonharam – com uma situação diferente, com o reconhecimento de sua dignidade.

De forma mais específica o Feminismo pode ser estruturado em três blocos:

1. *Feminismo pré-moderno*: no qual se recolhem as primeiras manifestações feministas já na Grécia antiga, no séc. V a. C.. Alguns sofistas baseados na idéia de isonomia (igualdade perante a lei) defenderam posições antiescravistas e pela igualdade das mulheres.<sup>5</sup>

2. *Feminismo moderno*: a partir da obra de Poulain de la Barre <sup>4</sup> e dos movimentos de mulheres da Revolução Francesa, que ressurgiram nos movimentos sociais do séc. XIX.

3. *Feminismo contemporâneo*: cujo primórdio se encontra nos movimentos sufragistas do séc. XIX e o cume no Neofeminismo das décadas de 60 e 70 e suas últimas tendências.<sup>5</sup>

Dois aspectos estão unidos no Feminismo: a teoria e o movimento social. A teoria afirma a legitimidade da busca de igualdade de direitos entre mulheres e homens. O movimento tem em vista conseguir esta igualdade.

### 1.1. Alguns traços do Feminismo Moderno e Contemporâneo.<sup>6</sup>

Os dois exemplos abaixo, do Feminismo Moderno, foram escolhidos porque um ilustra a importância da solidariedade entre as mulheres (pacto de mulheres) e o outro a questão da educação diferenciada.

O Preciosismo, considerado um movimento profeminismo, foi historicamente um pacto de mulheres. As preciosas, integrantes deste movimento, participaram ativamente da literatura, elaboraram regras de linguagem correta e valorizaram mais os méritos do intelecto do que os títulos de nobreza. Elas saudaram com entusiasmo a obra de Poulain de la Barre, anteciparam em seus salões muitas idéias revolucionárias que triunfaram em 1789.

No séc. XVIII muitas vozes continuam se erguendo pela igualdade de direitos das mulheres e afirmando que a virtude e a verdade são as mesmas para ambos os sexos. Madame d'Épinay alerta que são atribuídos à natureza feminina, os limites devidos à educação, que lhe é negada e os estereótipos

<sup>3</sup> Entre a luta mencionada de alguns sofistas pela isonomia e a obra do período do Renascimento, de Cristine de Pisan: *A cidade das damas* (1405). Há um longo período de vinte séculos. Ao recolhermos estas primeiras manifestações no séc. V a. C. lamentamos o desconhecimento da existência de outras pesquisas atentas a outras manifestações de luta pela dignidade das mulheres.

<sup>4</sup> O cartesianismo também conheceu o Feminismo de Poulain de la Barre em sua obra *De l'égalité des deux sexes* (1673). Com este texto se pode falar de uma teoria do feminismo articulada. O autor frisa que o intelecto não tem sexo, que é igual para ambos os sexos, não sofrendo nenhuma influência dos órgãos de reprodução. Critica a discriminação à mulher, reivindica para ela o direito à mesma educação dos homens, o acesso a postos políticos, universitários, eclesíasticos e à magistratura.

<sup>5</sup> Sobre esta estruturação e as afirmações anteriores cf. A. De MIGUEL, *Feminismos*. In C. AMORÓS, (org.) *10 palabras clave sobre mujer*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1995, p. 217.

<sup>6</sup> As reflexões seguintes foram pesquisadas em A. H. PULEO, *Feminismo*. Em: J. M. MARDONES, (org.) *10 Palabras clave sobre Movimiento Sociales*, Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1996, pp. 187-228.

da sociedade, que lhes são impostos. Ainda no horizonte da Ilustração, D'Alambert, subdiretor da *Enciclopédia* polemiza com Rousseau, defensor da diferença entre os sexos. Para D'Alambert as mulheres foram reduzidas à escravidão e à degradação, foram colocadas travas em seu intelecto e coração, como se todas as mulheres não tivessem um intelecto a cultivar e não fossem dignas disso. Para ele, a educação prescrita para a classe feminina, não é apenas funesta, é quase homicida.

<sup>7</sup> Cf. A. de MIGUEL, ob. cit., p. 229.

O Feminismo contemporâneo (a partir do séc. XIX), surgiu no seio das associações abolicionistas. Nos Estados Unidos, muitas mulheres lutando contra a escravidão, aprenderam a organizar-se e a observar as semelhanças entre a situação da mulher e a própria escravidão.<sup>7</sup>

<sup>8</sup> Ibidem.

O início do século é marcado por um forte movimento na Inglaterra, pelo direito ao voto para as mulheres, que se estendeu para outros países. O movimento sufragista inglês foi o mais potente e mais radical. O deputado John Stuart Mill apresentou, desde 1866, moção a favor do voto feminino. Não cessaram, desde então, outras iniciativas políticas, manifestações e greves de fome de sufragistas inglesas presas.<sup>8</sup> Entre as duas grandes guerras do séc. XX, na maioria dos países ocidentais, foi permitido o voto feminino, concessão sem convicção, por puro temor do avanço das idéias do bolchevismo.

Em 1949, Simone de Beauvoir provoca polêmica com sua obra *O segundo sexo*. Torna-se famosa a concepção de que o ser mulher é uma construção social, recusa-se o estereótipo feminino como natural. A obra está dividida em dois volumes: *Os fatos e o mito* (1º vol.) e *A experiência vivida* (2º vol.). No segundo volume, a autora demonstra que as etapas da vida das mulheres, da infância à velhice, são uma história de controle e repressão do ser humano do sexo feminino por parte da sociedade e seus costumes. Esta obra mudou vidas, marcou gerações na França e nos Estados Unidos, desencadeou o Neofeminismo dos anos 60 e 70.

## 1.2. O Neofeminismo.

<sup>9</sup> Idem, pp. 236-237.

Em 1964, Betty Friedan publica *The feminine mystique*. Novo despertar do feminismo. O problema das mulheres é *um problema que não tem nome*,<sup>9</sup> ela considera que o objetivo da teoria e da prática feminista foi justamente nomeá-lo. B. Friedan é intérprete do mal estar da dona de casa, de sua crise de identidade por ser obrigada a viver em função dos maridos e dos filhos. Este processo de desumanização feminina atinge os que a rodeiam, a mulher *coisifica*, porque foi

primeiramente *coisificada*, não se sentiu útil, não pode ter projetos. Como pode educar para a solidariedade, para a responsabilidade histórica aquela que foi confinada ao âmbito doméstico?

Betty Friedan funda o movimento NOW (*National Organization for Women*) em 1966. Já em 1967, algumas jovens separam-se dele, por considerar o grupo reformista. Nasce o feminismo radical, tendo como um dos méritos os grupos de conscientização *Consciousness - raising* nos quais, através da discussão e análise das experiências das mulheres, outras participantes percebiam seus problemas como fenômenos políticos patriarcais, não como mera fatalidade. Daí o lema: *O pessoal é político*.

O Feminismo em geral pode ser situado em dois ramos: Feminismo da igualdade e Feminismo da diferença. O primeiro tem sua força na busca da igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres. Foi predominante até a década de 60. O Feminismo da diferença tem como contribuição fundamental a afirmação do valor da mulher em si, sem ter que se igualar aos homens negando o que lhe é próprio. A meta é ir além da emancipação da mulher, é atingir a sua libertação.

Transformações profundas na sociedade ocidental devem-se ao Feminismo. Este afetou a forma de vida, os costumes, a existência pessoal e social de muitas mulheres. Gerou políticas institucionais que se comprometeram em desenvolver estratégias e programas de ação para serem alcançados progressos efetivos na situação da mulher e igualdade de oportunidades. A 4ª Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres (Beijing, China, setembro de 1995) se comprometeu com estratégias para reduzir a desigualdade que ainda existe no âmbito mundial entre os sexos, quanto ao acesso ao ensino, à saúde, ao emprego, à justiça, aos meios de comunicação.<sup>10</sup>

Para Célia Amorós o feminismo se apresenta como um teste, pelo qual devem passar os ideais igualitários ilustrados. A Ilustração ainda está incompleta enquanto os frutos de sua razão emancipatória não forem compartilhados por todas as mulheres.<sup>11</sup>

### 1.3. Reação ao Movimento Feminista.

A conotação contraideológica do Feminismo em seus diversos matizes tem gerado diversas reações negativas. Estas podem ser sintetizadas em três: a *rejeição* que implica fechamento a qualquer diálogo, a *negação da validade da crítica feminista*, por parte de homens e outras mulheres, que vivem

<sup>10</sup> Cf. Declaração de Pequim – ONU – Declaração de Princípios e Plataforma de Ação (síntese). In *SEDOC*, 29 (1997) pp. 502-508.

<sup>11</sup> Apud A. H. PULEO, op. cit., p. 226.

num contexto privilegiado e a *cooptação da crítica*. Nesta terceira postura ignoram-se os questionamentos radicais à estrutura e à ideologia sexistas, o apoio é aparente, os discursos sobre a promoção da mulher e a produção literária têm o cuidado de não prejudicar o *status quo* masculino.

Estas reações demonstram quão exigente e desafiador é o Movimento Feminista em si mesmo e quão grande são as implicações para suas agentes e para todos/as aqueles/as que precisam ser atingidos. Quantas mudanças pessoais, comunitárias, culturais e estruturais esperam abertura, reflexão e concretização.

Importa-nos fazer uma breve consideração sobre a postura eclesial mais corriqueira. Apesar de a dominação masculina estar presente na Igreja, impregnando instituições, relações e teologia, não é comum o reconhecimento deste comportamento e da necessidade de revisão de certos conteúdos teológicos por parte do Magistério. Neste ponto o material é escasso. Não obstante, ressaltem-se alguns tópicos da carta de João Paulo II por ocasião da Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing (China).<sup>12</sup>

<sup>12</sup> João Paulo II, Carta do Papa João Paulo II às mulheres. In *SED-OC*, 28 (1995) pp. 130 - 139.

Logo no início João Paulo II expressa seus principais sentimentos: *A cada uma de vós dirijo esta Carta, sob o signo da solidariedade e da gratidão* (130, n.1). Consideremos primeiramente os motivos da solidariedade. No número 3 o Papa fala em *imensos condicionamentos* históricos, em *todos os tempos e latitudes*, que dificultaram *o caminho da mulher* (131, n.3). Tais condicionamentos ao ignorarem a dignidade da mulher, seus direitos, trouxeram marginalização e escravidão.

João Paulo não considera fácil tarefa o reconhecimento dos responsáveis, por causa das seculares sedimentações culturais:

[...] se nisto tiveram responsabilidade objetivas, mesmo não poucos filhos da Igreja, especialmente em determinados contextos históricos, *lamento-o* sinceramente (132, n.3).

Causa, no entanto, estranheza o uso da partícula condicional *se* para mencionar a responsabilidade em âmbito eclesial, também a expressão *não poucos* ao invés de *muitos*, e apenas um lamento sincero onde caberia um pedido de perdão.

Sentimos total ausência de considerações relacionadas com a reflexão atual das mulheres sobre seu papel e seu lugar na Igreja. Como se constata, muitas vezes, que é mais fácil aos documentos oficiais da Igreja abordar os direitos sociais das mulheres que os eclesiais.

A gratidão foi manifestada em sete parágrafos, com expressões que revelam a sensibilidade, o reconhecimento e o interesse em não omitir nenhuma categoria feminina. João Paulo II inicia comentando que a gratidão primeira ao Senhor *torna-se direto e concreto obrigado às mulheres* (131). E faz questão de mencionar a *mulher-mãe*, a *mulher-esposa*, a *mulher-filha e mulher-irmã*, a *mulher-trabalhadora*, a *mulher-consagrada*, a *mulher, pelo simples fato de ser mulher* (idem).

No parágrafo de gratidão à mulher, simplesmente por ser mulher, há uma grande densidade na afirmação de que a percepção própria da feminilidade é contribuição *para a verdade plena das relações humanas*. Sobre a mulher trabalhadora é marcante a ausência de uma menção ao trabalho das mulheres no âmbito eclesial. Se não era este o espaço adequado, por que não outro parágrafo para explicitar a gratidão aos diversos ministérios femininos na Igreja, inclusive, ao ministério teológico?

Consciente ou inconscientemente, esta falta de reconhecimento ao trabalho feminino, aliada aos espaços que estão, há séculos, inacessíveis às mulheres, são argumentos fortes a favor de uma *Teologia Feminista*, por tudo que ainda vivemos em termos de discriminação e desvalorização, por todas as circunstâncias de anonimato e invisibilidade vividas na Igreja.

## 2. A Teologia Feminista.

O Feminismo não ficou restrito a reflexões econômicas, culturais e políticas, porque a dimensão religiosa é parte essencial na vida de muitas mulheres. Conforme a convicção de cada uma foi surgindo correntes teológicas.<sup>15</sup>

Teólogas feministas - católicas, evangélicas e judias - estão convencidas de que feminismo e religião são profundamente significativos em suas vidas. A sistematização feminista, no interior do contexto cristão, superando suas diferenças, atesta em comum a crítica ao sexismo como uma massiva distorção na tradição histórica e teológica. Aberta ou veladamente foi de forma sistemática afirmada a inferioridade e a subordinação da mulher e a exclusão de sua participação plena. O objetivo comum, que une essas mulheres de diferentes Igrejas e as faz sentir membros de uma grande família, é a libertação da mulher das ideologias restritivas e das estruturas institucionais que impedem o desabrochar de sua autêntica identidade, de sua autotranscendência. Estas mulheres estão unidas na tarefa de *tomar como fonte para a religião e a reflexão teológica a própria experiência da mu-*

<sup>15</sup> São basicamente 3 correntes: Teologia feminista da religião da deusa, Teologia feminista pós-cristã e Teologia feminista cristã. As adeptas da primeira corrente evocam realidades primitivas como o matriarcado, o culto a deusa Mãe, a tradição medieval das bruxas. Valorizam análises de sonhos, cristais, os processos corpóreos naturais; possuem santuários nas florestas. As teólogas feministas pós-cristãs assumem uma oposição ao cristianismo, considerado irrecuperável para a causa feminista. A meta é pôr o feminino a serviço da libertação da humanidade. Uma de suas principais representantes é Mary Daly. Cf. F. TABORDA, *Feminismo e Teologia feminista no Primeiro Mundo. Breve Panorâmica para uma primeira informação*. In *Perspectiva Teológica*, 22 (1990) pp, 311-337 e 322-326.

<sup>14</sup> Cf. A. CARR, op. cit., p. 95.

<sup>15</sup> *Graça transformadora* é a tradução do sugestivo título da obra de Anne Carr já mencionada.

<sup>16</sup> Cf. A. CARR, op. cit., pp. 1-4.

<sup>17</sup> M. C. BINGEMER, *Mulher e Teologia*. São Paulo: Loyola Multimídia – Vídeo-didático. Série Educação 53, 1998.

lher. A teologia feminista é, por isso, uma tarefa ecumênica, interdisciplinar e cooperativa.<sup>14</sup> Elas compreendem-se como feministas e cristãs. Na busca de integrar o Feminismo com o Cristianismo, elas muitas vezes se vêm obrigadas a criticar as contradições no interior de sua própria Igreja. Mas percebem também que esta contribuição permitirá emergir um Cristianismo mais autêntico, mais fiel ao Evangelho. Toda esta experiência é vivida como uma grande graça oferecida ao cristianismo atual.

Anne Carr apresenta com muita profundidade o dilema de algumas mulheres sobre a possibilidade de ser cristã e feminista. Ela compartilha sua convicção de que além de ser possível, a teologia feminista é *graça transformadora*.<sup>15</sup> Representa a maioria do cristianismo. A fome desta reflexão é compartilhada também por homens. Eles se juntam às mulheres, assumindo a crítica à postura patriarcal da Igreja, mas desde o seu interior. Nós queremos permanecer nesta Igreja que amamos, porém, contribuindo para a sua transformação, porque a Igreja cristã do futuro pode deixar de ser excludente e patriarcal.<sup>16</sup>

Temos, portanto, duas posturas básicas. A hesitação de algumas mulheres em chamar a si mesmas de feministas por causa do compromisso cristão enraizado e central em suas vidas. Para elas, mesmo a causa da própria dignidade e liberdade não podem ir contra ao primado da fé cristã. A segunda postura é a convicção de que abraçar a causa da mulher não será destrutivo para a fé cristã, pelo contrário, será fator de amadurecimento, será verdadeiramente uma graça.

Na América Latina há reação contra a denominação *Teologia Feminista* e preferência pela expressão *Teologia na ótica da mulher*.<sup>17</sup>

Maria Clara Bingemer é uma que faz esta objeção. Para ela a teologia feminista (dos Estados Unidos e da Europa), por ser a pioneira precisou ser mais radical, rompeu grandes barreiras, frisou a igualdade, fez discursos paralelos aos institucionais. Na América Latina seria mais adequado falar de uma teologia na ótica da mulher. Reconhecendo o pioneirismo e os méritos das irmãs do Norte e compartilhando frutos deste trabalho, as teólogas latino-americanas e caribenhas reconhecem que seu discurso perde força se for feito *fora*, por isso, em diálogo com o magistério, buscam provocar avanços e despertar para novas reflexões através de sua atenção aos desafios da vida das mulheres e aos acontecimentos que angustiam e trazem sofrimento ao povo de Deus. Elas querem oferecer sua peculiar contribuição.

Nesta dissertação conservamos a denominação *Teologia Feminista* porque esta nos parece oportuna também para a América Latina e o Caribe. Participamos da mesma tradição eclesial marcada pelo sexismo.<sup>18</sup> É ingênuo pensar ser possível simplesmente oferecer nossas reflexões na ótica da mulher. Temos denúncias a fazer aos nossos irmãos latinos e caribenhos. Muitos sequer têm consciência dos diversos graus de discriminação e subordinação da mulher no âmbito eclesial. No dia a dia, alguns nem se dão conta de que podemos perceber e ler e intuir o quanto esta discriminação e subordinação são reais, em atitudes, comentários nada inocentes, na terrível linguagem *o homem* ou *os homens* de seus trabalhos e discursos - que obriga as mulheres a pensarem duas vezes se estão ou não incluídas -, na ausência ou na estrita presença feminina no corpo docente, na falta de disciplinas relacionadas com a teologia feminista em vários currículos, etc...

Elisabeth Schüssler Fiorenza, afirma que a T.F. não apenas reflete sobre a luta contra o patriarcado, mas participa ativamente desta luta. E prossegue com um interessante comentário sobre o fato de ser mais fácil para os teólogos e homens da Igreja, os liberais, concederem seu apoio à ordenação das mulheres do que à T.F. O apoio a este ponto da tradição disciplinar tão polêmico é mais fácil, porque tem como condição, a exigência de que as mulheres, ao se tornarem visíveis na Igreja (se lhes for concedido o sacramento da ordem), não pretendam abalar a Igreja patriarcal e sua teologia e liturgia androcêntricas.<sup>19</sup>

Agora é hora de lançar sementes, através de uma Teologia Feminista consciente de suas tarefas para mudar toda uma cosmovisão marcada pelo androcentrismo,<sup>20</sup> trabalho árduo, penoso. Quando o reconhecimento da dignidade inalienável da mulher for definitivo, um de seus surpreendentes frutos poderá até ser a acolhida no ministério presbiteral. Não há frutos sem arar, semear e cultivar dia a dia, sob o sol e a chuva.

### 2.1. Tarefa em aberto: resgatar as vozes abafadas

Para a grande maioria do povo cristão é como se nunca houvesse existido teólogas antes da época contemporânea. É útil ter presente as místicas (séculos XII – XVI) e as teólogas escritoras dos demais períodos: Idade Média tardia, início da Era Moderna e ainda nos séculos XVI, XVII e XVIII. Pode-se recuar ainda mais: aos primórdios do Cristianismo antes do séc. II.

<sup>18</sup> Por sexismo compreendemos a atitude, mentalidade e ideologia que classifica e define as pessoas pelo sexo, impondo-lhes limites e rótulos. O sexo torna-se o fundamento da discriminação do mesmo modo que no racismo as pessoas são discriminadas pela raça. É importante a distinção entre sexo e gênero. A diferença biológica entre macho e fêmea é a diferença de sexo. Quando, a partir de condições sociais, são determinadas a identidade do homem e da mulher e as relações entre ambos, estas determinações já estão no âmbito do gênero. Nosso sistema atual oculta sob o manto da diferença biológica a questão de gênero fundamentando a opressão sobre a mulher.

<sup>19</sup> E. SCHÜSSLER-FIORENZA, *Quebrando o silêncio: A mulher se torna visível*. In *Concilium*, 202 (1985) pp. 618-633 e pp. 624-625.

<sup>20</sup> Androcentrismo é a designação dada à ação e à reflexão realizadas na ótica masculina e estabelecidas como paradigma do ser humano.

<sup>21</sup> Cf. E. MOLTMANN-WENDEL e outras, Teóloga. In *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 463 - 495.

Estamos diante de um desafio: apurar os ouvidos, perceber que em meio a um suposto silêncio há rumores, gemidos, murmúrios. São as vozes abafadas destas companheiras, que podem ter ensinamentos a compartilhar com as teólogas de hoje.<sup>21</sup>

Há uma tradição esquecida, ou omitida, ou parcialmente comunicada, no entanto foi possível para algumas mulheres proclamarem sua mensagem e terem uma real influência em suas épocas. Não parece ser correto pensar que somente agora as mulheres estão *rompendo o silêncio*. Trabalhos de aprofundamento sobre seus escritos podem ser uma excelente contribuição para ecoar estas vozes abafadas.

Um traço comum entre as místicas escritoras é que o impulso para escrever brotava da realidade transcendente experimentada em suas próprias vidas. Ao nos determos sobre a época atual descobrimos estes mesmos pontos comuns: a experiência de Deus como impulso para o ministério teológico, a sensibilidade da mulher em face de realidade que a cerca. Também hoje as mulheres fazem teologia, sobretudo, movidas por estas experiências existenciais.

## 2.2. A perspectiva da Teologia Feminista

<sup>22</sup> [...] Em segundo lugar, o fato por demais conhecido do ingresso da mulher na vida pública: mais acentuado talvez em povos da civilização cristã, mais tardio, mas já em escala considerável, em povos de outras tradições e cultura. Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, [...] reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social. *Pacem in Terris*. In Documentos Pontifícios 141. Petrópolis: Vozes, n. 41, p.13.

Em sua encíclica, *Pacem in terris*, o Papa João XXIII apresentou à consideração dos leitores três sinais dos tempos: a emancipação dos operários, os países em desenvolvimento e a *participação crescente da mulher na vida pública*.<sup>22</sup> Seu olhar límpido já havia contemplado o movimento das mulheres rumo ao público como *sinal*.

Uma das metas da T.F. hoje é a reflexão sobre a importância do crescente movimento de libertação das mulheres e sobre o que este revela.

Para Sallie McFague cada uma das teologias mais recentes, a partir do ponto de vista do sexo, raça, classe ou qualquer outra distinção básica, afirma a oposição do evangelho cristão à opressão, à hierarquia e aos dualismos, à dominação do forte sobre o fraco. Estas teologias se equiparam a outras importantes revisões do paradigma cristão. Situam-se na tradição clássica das reformulações fundamentais da fé cristã como as teologias de Agostinho, Lutero e outros... Algum ponto da experiência pessoal discordou da compreensão corrente do cristianismo e a mudança de interpretação se impôs para que a pessoa pudesse continuar sentindo-se cristã, e também para que a fé cristã pudesse se confrontar com as questões críticas de seu tempo. O ponto da experi-

ência particular das mulheres discordante da compreensão corrente é a consciência de que a sistemática desvalorização da mulher é inadmissível. A fé cristã é questionada sobre sua capacidade de apoiar e promover a emancipação de mulher, o resgate de sua dignidade.<sup>23</sup>

Para Elisabeth Johnson a teologia feminista, longe de ser uma teologia concluída, está se construindo na abertura à Teologia clássica, pronta a colher algo que possa servir ao tratado do Mistério divino na perspectiva da emancipação da mulher.

Toda reflexão teológica tem seu próprio centro de gravidade, este foco é uma paixão, uma preocupação, um tema unificador.<sup>24</sup> Elisabeth deixa claro que a Teologia Cristã da libertação feminista tem uma opção a priori: *a promoção da mulher*. O critério, a pedra de toque, para pôr à prova a verdade e a falsidade, a adequação e a inadequação, a coerência e a incoerência das assertivas teológicas e das estruturas religiosas é a *emancipação da mulher, sua humanidade plena*. Existe na teologia clássica este princípio da promoção da verdadeira humanidade, ao referir-se ao ser humano como *imago Dei*. O novo é ser ele reivindicado e aplicado à mulher.<sup>25</sup>

Consideremos ainda a seguinte definição:

Teologia feminista é uma teologia de mulheres de orientação feminista, que reconhecem, denunciam, criticam e desejam superar o patriarcado na sociedade, na Igreja, na convivência mútua. Na teologia feminista as mulheres ocupam o centro de interesse; nela são teologicamente valorizadas tanto as experiências de opressão no terreno da fé e da vida, o ser-silenciada-e-marginalizada, quanto as experiências bem sucedidas de libertação e encarnação. Teologia feminista é uma teologia contextual que leva em conta a historicidade das situações de vida e o caráter restrito das afirmações teológicas.<sup>26</sup>

Em outro lugar, Catharina Halkes chama a atenção para *a infantilização e a invisibilização estrutural da mulher, em consequência do sexismo nas Igrejas e na sociedade*.<sup>27</sup> Partir da experiência da dor das mulheres faz a T.F. solidária com outros excluídos de nossa história.

### 2.3. Método, critério principal e objetivo.

Elisabeth Jonson nos faz considerar que a análise do sexismo afeta profundamente a T.F. em sua metodologia, crité-

<sup>23</sup> S. McFAGUE, *Modelos de Deus: teologia para uma era ecológica e nuclear*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 76.

<sup>24</sup> Cf. E. JOHNSON e E. A. Johnson, *SHE WHO IS – The Mystery of God in Feminist Theological Discourse*, New York, Crossroad, 1992. Embora tenhamos usado preferencialmente o texto original, as páginas citadas ao longo da dissertação são da tradução, por ser mais acessível: *Aquela que é – O Mistério de Deus no tratado teológico feminista*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 38.

<sup>25</sup> Idem, pp. 56-57.

<sup>26</sup> C. J. M. HALKES e H. MEYER-WILMES, *Teologia Feminista / Feminismo / Movimento Feminista*. In *Dicionário de Teologia Feminista*, ob. cit., p. 502.

<sup>27</sup> C. HALKES, *Teologia feminista – balanço provisório*. In *Concilium*, 154 (1980) p. 548.

rios e objetivo. Para resistir ao patriarcado e gerar um novo entendimento ela se fundamenta na experiência da mulher, recurso raramente levado em consideração na história da teologia. São experiências que diferem conforme a raça, classe, cultura e outras particularidades históricas. A análise tem que ser multidimensional, contemplar as diferenças das mulheres do mundo inteiro.

A T.F. se empenha em três tarefas inter-relacionadas: analisa as opressões herdadas, busca uma sabedoria alternativa e novas interpretações da Tradição em diálogo com a experiência da mulher.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Sobre os tópicos seguintes cf. E. JOHN-SON, op. cit., pp. 54-60.

### 2.3.1. Metodologia.

Na tradição cristã há camuflada uma dinâmica de dominação na linguagem, nos costumes, na memória, na história, nos textos sagrados, na ética, no simbolismo, na teologia e no ritual. A teologia feminista a desmascara, porém considera como fator mais importante de sua metodologia a descoberta de uma sabedoria ignorada, suprimida ao longo dos séculos. Recolhem-se pedaços e migalhas de histórias não contadas da contribuição da mulher.

Apesar de a palavra da mulher ter sido censurada ou eliminada da maior parte da herança cristã, no meio da dor e da desumanização da mulher, não obstante isso, sempre se fez presente na fidelidade e na luta, no amor e na solicitude, em movimentos proscritos, na profecia e na visão. Seguindo esta pista e recuperando fragmentos desta sabedoria e desta história perdida, de certo modo, todas elas pedras de toque daquilo que ainda pode ser possível, poderá libertá-las como recursos para a transformação do pensamento e da ação.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Idem, p. 55.

A criação do homem e da mulher à imagem de Deus, a recriação de ambos à imagem de Cristo pelo batismo dando início a uma nova forma de comunidade, a esperança escatológica de um cosmo redimido em todas as dimensões, estão entre os elementos da fé trabalhados pela T.F., visando desprender a verdade libertadora já presente na tradição cristã e desafiando as igrejas a se tornarem fiéis ao que existe de melhor em suas tradições.

À luz de sua crítica e colhendo alternativas a T.F. realiza um trabalho de reconstrução, busca novas articulações das normas e métodos da própria teologia, encara sob novo ângulo os símbolos e as práticas cristãs, que possam favo-

recer o desenvolvimento pleno da humanidade da mulher, chave para a reconstrução da teologia. São parceiras nesta tarefa de reconstrução: a Filosofia, companheira clássica da teologia, ela mesma pensada em categorias feministas, as Ciências Humanas e a Literatura feminista. Estamos em pleno momento criativo, típico dos grandes avanços na teologia. A vida e a fé são repensadas tendo em vista a promoção da igualdade da mulher e de todos os oprimidos.

### 2.3.2. O critério fundamental

*A humanidade plena da mulher* é indubitavelmente o critério fundamental da T.F. Isso implica a libertação da mulher e de toda realidade histórica, passando por todas as opressões sofridas por ela.

Para uma emancipação plena, é necessária a busca da verdadeira identidade da mulher. As mulheres estão entre os *oprimidos dos oprimidos* sempre que os homens *determinam quem elas são; em que elas diferem deles, qual é o papel que a elas cabe [...] e como é usada a sexualidade delas.*<sup>30</sup> A teologia feminista, com o *seu foco da promoção feminina*, assume a personalidade total da mulher com total seriedade, advoga seu bem estar pessoal e comunitário em todas as dimensões constitutivas de sua existência.

<sup>30</sup> C. HALKES, ob. cit., p. 548.

### 2.3.3. Objetivo

A teologia feminista da libertação quer mudar as estruturas injustas e os sistemas dos símbolos distorcidos para tornar possível o surgimento de *uma nova comunidade na Igreja e na sociedade*. Uma comunidade libertadora de todas as mulheres e de todos os homens, na reciprocidade de uns com os outros e na harmonia com o planeta terra. A T.F. quer assinalar a valorização intrínseca da mulher como ser humano: criada, pecadora, redimida, em toda a sua dignidade e com plenos direitos e responsabilidades. O movimento desejado é *das situações de dominação/subordinação à comunidade do respeito mútuo, da valorização recíproca, da coparticipação na solidariedade com os despossuídos.*

A meta a ser atingida é o desenvolvimento de todos os seres humanos em seu caráter singular e no inter-relacionamento de uns com os outros. Ambos os sexos, todas as raças, todas as criaturas no universo inteiro, vivendo um novo relacionamento: nem o hierárquico que subordina, nem o unívoco que reduz as pessoas. O modelo é o inclusivo, é circular,

capaz de acolher as diferenças. A meta não é a de fazer das mulheres parceiras iguais neste sistema opressivo, é transformar o próprio sistema existente.

Toda herança estará sujeita à revisão, à renovação, à crítica, para uma libertação maior da fé e da vida. O ponto alto dessa tarefa é o Tratado de Deus.

## 2.4. Tarefas

A T.F. está em busca do legítimo reconhecimento de sua contribuição. Ela tem assumido tarefas extremamente significativas.

Dentre estas tarefas apresentaremos as que parecem mais significativas atualmente. A primeira diz respeito ao conteúdo, as três seguintes a metodologia e as duas últimas são tarefas situacionais:

- Revisão do discurso sobre Deus.
- Renovação na linguagem teológica.
- A releitura bíblica com uma suspeita feminista.
- Abordagem da Tradição..
- O resgate da dignidade da mulher
- Prioridade da vida

### 2.4.1. Revisão do discurso sobre Deus.

Uma tarefa central assumida pela teologia feminista é a revisão do discurso sobre Deus. Elisabeth Johnson faz esta abordagem desfazendo-se primeiramente das possíveis objeções à inclusão de metáforas femininas. Para tanto, debruça-se sobre três recursos da teologia clássica, que são uma afirmação de que toda linguagem sobre Deus é relativa: a incompreensibilidade divina, a analogia e a necessidade de muitos nomes para Deus.<sup>31</sup>

A Tradição judaica e o Credo cristão professam a santidade e a transcendência absoluta de Deus. Deus é Mistério ilimitado, não pode ser mensurado, manipulado, controlado. *Se entendeste alguma coisa, então o que entendeste não é Deus.*<sup>32</sup> Deus permanece um Mistério profundamente insondável. A Revelação não desfaz, nem desvenda este Mistério. Deus é o totalmente Outro; não cabe em conceitos, continua sendo Deus.

Nem a vinda de Jesus dissipou a *incompreensibilidade divina*,<sup>33</sup> pelo contrário, o amor divino que salva e transborda em Jesus é o ponto alto do Mistério de Deus. O sofrimento e a angústia da história acrescentam ainda mais profundidade

<sup>31</sup> Cf. E. JOHNSON, op. cit., pp. 158-181.

<sup>32</sup> AGOSTINHO, Sermo 52, c.6, n.16 (PL 38,360). Apud JOHNSON, op. cit., p. 159.

<sup>33</sup> Cf. At 17, 29; 1 Tm 6, 16; Jo 1, 18; Rm 11, 33-36; 1 Jo 3, 20; 1 Cor 13, 9-12.

ao Mistério divino. Por outro lado, sem o Deus incompreensível, o Espírito humano ficaria paralisado, não teria profundezas nas quais mergulhar.

É reconhecido na teologia clássica que as palavras em relação a Deus não são *unívocas*, isto é, não possuem o mesmo significado de quando estão referidas às criaturas. Também não são *equivocas*, isto é, sem qualquer relação com o significado que as relaciona às criaturas. São *análogas*, através de um processo de *afirmação, negação e excelência* apresentam uma perspectiva em relação a Deus, orientam a mente para Deus. A analogia deixa uma abertura para o espírito humano passar da luz à obscuridade e desta a uma outra obscuridade mais lúcida.

Uma tarefa que a analogia tem a cumprir para purificação de sua linguagem em relação a Deus é a introdução de símbolos femininos. A T.F. se recusa a aceitar o símbolo exclusivo do homem branco como expressão do Mistério divino. Esta recusa vem da adesão ao Mistério Sagrado, fonte de bênçãos para a existência da mulher e afirmação de sua dignidade.

Atribuir a Deus *muitos nomes* é uma necessidade, justamente porque nenhum nome, imagem, ou conceito pode alcançar o Mistério de Deus. A abundância de nomes, imagens e conceitos balbuciam o Mistério insondável. Cada qual contribui revelando uma perspectiva diferente em relação a Deus. Cada um corrige o outro em sua pretensão de expressar o inexprimível.

Há o nome impronunciável: YHWH. Há também mais de noventa denominações para Deus na Mishnah e outras fontes judaicas pós-bíblica, do primeiro ao quarto séculos. A tradição islâmica tem a ladainha dos noventa e nove nomes de Alá, o centésimo é o verdadeiro, venerado no silêncio. Não é pronunciado, porque Deus é inefável. *O silêncio humano é o melhor tributo ao Mistério divino.*

Quão pobre é a linguagem do Ocidente comparada com a polifonia da humanidade em busca de nomes adequados para Deus. A linguagem ocidental não é apenas pobre, é excludente e restritiva. Ao se centralizar em termos masculinos com quase total exclusão dos termos femininos e cósmicos, restringe a linguagem sobre Deus à designação masculina dos que governam, a um relacionamento patriarcal de pai.

Para Rosemary Radford Ruether o Cristianismo tem uma herança contraditória em relação as mulheres. A contradição fundamental é que o Cristianismo, *por um lado, desde o início se engajou num igualitarismo soteriológico universalista,*



Escapa aos conceitos puramente racionais toda uma gama de experiências significativas:

Os conceitos puramente racionais não dão conta do sentido, do desejo, do sabor, do prazer, da dor, do mistério da existência.<sup>38</sup>

Elisabeth Johnson apresentou uma das razões da liberdade feminina face à linguagem teológica. A T.F. sabe que o Mistério de Deus ultrapassa todas as tematizações. As metáforas masculinas, femininas e cósmicas são ao mesmo tempo legítimas e inadequadas para exprimir o inexprimível.<sup>39</sup>

Na teologia metafórica de Sallie McFague. (cf. mais adiante cap. II e III) temos um exemplo desta renovação na linguagem. E mais. Cada modelo proposto evoca vivências concretas e têm implicações éticas.

### 2.4.3. Releitura bíblica

A Bíblia é objeto de uma leitura na perspectiva feminista. São descobertas vozes contrárias ao sentido patriarcal no interior do próprio documento, são vozes que abrem novos caminhos. É constatação comum entre as exegetas, que não há vestígios de androcentrismo ou sexismo na vida de Jesus, apesar dele ter vivido e pregado numa cultura patriarcal. E mais. As discípulas não tinham um papel marginal, mas uma presença vigorosa que permanece na Igreja nascente e até mesmo por volta do segundo século. Enfim, as mulheres cristãs têm encontrado no Novo Testamento, na revelação do Deus de Jesus, uma incondicional afirmação de que a causa da humanidade é a causa de Deus. Superar toda a idolatria possibilitará afirmar uma nova apreensão de Deus e de Cristo com a afirmação de uma visão humana total, integral, de uma comunidade relacional.

A genuína consciência feminista cristã manifesta-se em comportamentos de inclusão, mutualidade, reciprocidade e serviço além das causas próprias, para assim transcender-se a si mesma. Com esta postura exercem pressão sobre a hermenêutica bíblica, para que se torne esperança e um futuro prometido<sup>40</sup>.

A releitura bíblica feminista participa de um processo maior, particularmente na América Latina e Caribe. Os círculos bíblicos e celebrações nas comunidades de base,

<sup>38</sup> I. GEBARA, *La mujer hace teología. Un ensayo para la reflexión*. In DEI, *El rostro femenino de La teología*, p. 19. Obs.: Não tive acesso ao texto em português.

<sup>39</sup> E. JOHNSON, op. cit., p. 170.

<sup>40</sup> Cf. A. CARR, op. cit., pp. 99-113.

os pequenos cursos de formação bíblica foram espaços de releitura bíblica para os pobres, a maioria dos quais eram mulheres.

A mulher na América Latina redescobriu a Bíblia ao mesmo tempo que os pobres. Quando aqueles que tinham sido mantidos à margem e do lado de fora da Palavra de Deus encontraram de novo a porta de entrada do livro que era seu, que falava de suas lutas, de suas esperanças, de seus desejos e de sua Aliança de amor com um Deus compassivo e carinhoso, justo e libertador, a mulher estava presente nesse movimento de redescoberta.<sup>41</sup>

<sup>41</sup> M. C. BINGEMER, op. cit., p. 64.

A releitura bíblica na ótica dos pobres, feita pela teologia da libertação, muitas vezes omitiu a questão específica da mulher; porém a leitura bíblica na ótica feminista tem estado atenta a outros grupos oprimidos e marginalizados.

Elza Tamez faz uma abordagem da própria vida das mulheres como um texto sagrado:

Se a experiência das mulheres é um lugar privilegiado no processo hermenêutico da teologia e da leitura da Bíblia, afirmar que há revelação divina na vida das mulheres é um passo lógico e conseqüente. Poderíamos afirmar que o Espírito de Deus nos fala e evangeliza a partir da situação concreta dos sofrimentos, lutas e conquistas das mulheres. Poderíamos avançar mais ainda assinalando que a vida dilacerada de muitas mulheres denuncia a sociedade patriarcal machista como pecadora que necessita de conversão radical (metanoia) para ser salva. E isso é Revelação.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> E. TAMEZ, A vida das mulheres com texto sagrado. In *Concilium* 276 (1998) p. 368.

#### 2.4.4. A abordagem da Tradição.

Sallie McFague assinala que as três fontes da teologia - Escritura, Tradição e experiência - são interligadas. Sua postura teológica acentua a importância da última, inclusive considera artificial a divisão tripartida: Escritura-Tradição-experiência, porque a Escritura é o registro mais antigo da Tradição; e ambas - Escritura e Tradição - testemunham experiências do poder salvífico de Deus.<sup>43</sup> Uma outra crítica feita por ela refere-se ao apego a modelos anacrônicos, por considerar normativa linguagem e imagens, que precisam ser revistas e atualizadas. Para ela, a maior parte da fé cristã é interpretada de modo ana-

<sup>43</sup> S. McFAGUE, op. cit., p. 70.

crônico e irrelevante quando a interpretação primitiva é tida como *norma única*, um texto com autoridade, cuja linguagem - com suas metáforas, modelos e conceitos - é sacralizada.<sup>44</sup>

Elisabeth Johnson (cf. acima cap. IV) realiza um diálogo contínuo e respeitoso com a Tradição. No confronto com a Teologia clássica há abertura para acolher algo que possa servir ao tratado do Mistério divino na perspectiva da emancipação da mulher. Isso não impede que ela faça duras críticas a uma linguagem masculina exclusiva e excludente, que legitima a subordinação da mulher. Ela considera com razão, que todo aquele que subestimar os danos causados pelo preconceito sexista merece a reprovação clássica de Anselmo: *Ainda não ponderaste a gravidade do pecado*.<sup>45</sup>

Os recursos à disposição da teologia feminista são mesmo os da tradição cristã. Não se trata de fazer uma reflexão exterior a essa herança – pretensão que se manifesta impossível – a partir da própria autoconsciência adquirida. As teólogas feministas se propõem reinterpretar séculos de pregação e ensinamentos e seus efeitos sobre a autocompreensão e a vida prática das mulheres. O uso de uma hermenêutica crítica possibilita ao mesmo tempo expor as distorções do passado e abrir possibilidades para o futuro. Uma tarefa que merece toda a atenção é a revisão da linguagem simbólica, porque as teólogas feministas estão convictas de que os símbolos religiosos tradicionais – e também os culturais – dizem muito mais do que está aparente em sua superfície.<sup>46</sup>

O presente com seus apelos e questionamentos tem primazia hoje entre o que é considerado normativo. A fidelidade à tradição tem sentido na medida em que ela não impede a fidelidade primordial ao *Espírito de Deus que se manifesta na história exigindo o respeito absoluto à vida. O passado não é só informação. É iluminação, ensinamento, testemunho para o presente na medida em que toca a problemática humana*.<sup>47</sup>

Uma das vantagens da exclusão das mulheres, na hierarquia eclesiástica, é sem dúvida a *liberdade* de quem não tem nada a perder e a *abertura* a diferentes interpretações e novas contribuições, que possam enriquecer a Tradição.

#### 2.4.5. Resgate da dignidade da mulher.

O papel do sexismo foi o de historicamente sustentar a inferioridade da mulher face à suposta superioridade do sexo masculino, considerando a mulher menor, se empenha ao máximo para mantê-la em *seu devido lugar social*. A T.F.

<sup>44</sup> Cf. Idem, p. 71.

<sup>45</sup> Cf. E. JOHNSON, op. cit., p. 53.

<sup>46</sup> Cf. A. CARR, op. cit., pp. 99-103.

<sup>47</sup> I. GEBARA, *La mujer hace teología. Un ensayo para la reflexión*, 11-23. In DEI, *El rostro femenino de la teología*, p. 20.

assume o lugar reservado à mulher, lugar de desvalorização sistemática, de marginalização, de *passar despercebida, não ter tanta importância*. É assim, situada à margem, que ela escuta, fala e questiona normas, práticas e termos do centro.

Não existe uma tradição religiosa ou uma escola teológica no mundo, atualmente, ou uma crítica ateísta da tradição religiosa, e uma organização sócio-política ou crítica libertadora dessas estruturas, nem cultura oriental ou ocidental que façam justiça à humanidade plena da mulher. Por mais valiosas que possam ser as introspecções da teologia contemporânea, as mesmas ainda são apenas parciais e até mesmo perniciosas, a ponto de, implicitamente, assumirem que os homens, através do mando ou de outra forma, constituírem norma universal para a definição da humanidade e a formação de uma linguagem em relação a Deus.<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Idem, p. 43.

A T.F. está atenta ao que é central na antropologia cristã: a afirmação de que ambos os sexos foram criados à imagem de Deus e transformados à imagem de Cristo. Toda ambigüidade que inferioriza a mulher é causada pelo dualismo do pensamento helenístico. A mulher é imagem de Deus por sua capacidade de administrar e governar com sensibilidade ecológica, por sua inteligência, liberdade, criatividade, sociabilidade, sua comunhão com tudo e todos. As mulheres criadas, batizadas, perseguidas, mártires, pecadoras redimidas, são autênticas imagens de Deus e participam na vida de Cristo pela comunhão com o Espírito.

Por isso é preciso adotar uma perspectiva antropológica igualitária onde é defendida uma antropologia humana cêntrica, unitária, realista e pluridimensional. O acento humano cêntrico destaca que na humanidade inteira, mulheres e homens, Deus pode se revelar. Uma antropologia unitária busca superar os dualismos, afirma que há uma só história e nela acontece a salvação. Todos (as) são sujeitos responsáveis e não vítimas de um destino. A antropologia realista assume os conflitos, as contradições, não encobre com posturas idealistas o sofrimento real de tantos oprimidos, entre estes, as mulheres. Uma antropologia pluridimensional se opõe à unidimensional, fruto de um idealismo essencialista.

<sup>49</sup> M. P. AQUINO, *Nosso clamor pela vida* – Teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 210.

Para a perspectiva antropológica pluridimensional as pessoas não são uma idéia ou uma definição, mas rostos históricos marcados pelo espaço e o tempo.<sup>49</sup>

Elisabeth Johnson apresenta a própria experiência de conversão da mulher como um resgate de sua dignidade.<sup>50</sup>

O dinamismo da conversão contempla as múltiplas formas através das quais a mulher está construindo a si mesma como sujeito que atua e decide na história, está superando o conceito patriarcal negativo da humanidade feminina pela tarefa de autodenominação, isto é, ela mesma precisa definir sua identidade. Neste ponto está o verdadeiro processo de conversão da mulher: afastar-se da trivial depreciação de si mesma encontrando em seu interior o seu real valor. A conversão é um renascimento no processo dialético do contraste e da confirmação.

O momento de contraste é marcado pela indignação face à opressão desumanizadora. O sofrimento causado pelo sexismo contrasta com a dignidade da mulher, com sua identidade teológica de *imago Dei imago Christi*. A indignação gera resistência e ação em prol de um permanente sim à promoção da mulher. O despertar da mulher para o seu próprio valor humano é uma *experiência de Deus*.

A conversão traz um julgamento positivo do modo de ser mulher no mundo, entre outras características, sua maneira de ser profundamente *relacional*. O momento de confirmação se dá através da memória dos relatos e da solidariedade. Elas são sujeitos da história humana, estiveram *presentes*, foram criativas, buscaram o bem. A própria tradição cristã, apesar do sexismo, foi *fonte segura* para as mulheres ao longo de tantos séculos. *O poder do Espírito as acompanhou*.

O chamado à conversão implica no desvio do aviltamento da identidade feminina rumo à compreensão do eu feminino como dom precioso de Deus. Este acontecimento religioso é de grande alcance, *um verdadeiro renascimento da mulher*, de sua identidade outrora suprimida.<sup>51</sup> A conversão tem a marca da confiança profunda baseada no Mistério absoluto, *fonte de bênção de tudo quanto é feminino*. Lamento, celebração e esperança se fazem presentes diante da dor, da atuação resistente e criadora e de um futuro que pode ser mais feliz. Toda uma energia é liberada para a transformação de consciências e de estruturas

No próprio mistério humano é vivida a experiência de ser envolvido pelo Mistério sagrado de Deus. Não há experiência profunda do eu sem experimentar o Mistério infinito, e por outro lado, a experiência de Deus pertence diretamente à história pessoal. A atual experiência de autoafirmação da dignidade feminina contra a tradicional desvalorização interiorizada é experiência de Deus.

<sup>50</sup> E. JOHNSON, op. cit., pp. 99-102.

<sup>51</sup> Idem, p. 102.

Deus está sendo experimentado na luta, na solidariedade, na vida particular, nas tarefas da vida diária, no amor a si mesma e às outras companheiras, no amor aos homens sem admitir subordinação aos mesmos...<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Idem, p. 105.

De um modo dinâmico, a mulher está penetrando no Mistério de Deus, ciente de que *neste Mistério ela participa*.

Esta história de fortalecimento das mulheres é um movimento solidário de irmãs. Uma solidariedade mútua, *face a face*, ou que *atravessa fronteiras* através da palavra escrita, falada e de ações.

#### 2.4.6. A prioridade da vida

A Igreja espalhada em várias regiões da América Latina e Caribe reconhece que uma das grandes riquezas das Comunidades Eclesiais de Base é a liderança feminina. Mulher, fé e vida concreta se entrelaçam.

Existe um saber sapiencial que é, antes de tudo, dom àquelas que encontrariam muitos obstáculos para uma formação acadêmica. É uma sabedoria cheia de vigor, que brota da vida. A luta constante das mulheres pela vida e pela justiça *foi vivida como experiências de fé, como presença de Deus nas lutas da história*.<sup>53</sup> Proclamamos também a teologia destas mulheres simples, muitas analfabetas:

<sup>53</sup> Idem, p. 21.

Há muitas mulheres que são dotadas de maneira especial de uma intuição profunda sobre a vida humana, capazes de aconselhar, intuir dificuldades. De expressá-las, propor saídas, *de confirmar a fé de muitos*. *Explicam* passagens bíblicas a partir de sua vivência, respondem a *questões dogmáticas* simplificando-as e colocando-as ao nível da realidade existencial.<sup>54</sup>

<sup>54</sup> Idem, p. 13.

Por outro lado, um dos desdobramentos da análise feminista é a percepção da inter-relação entre sexismo, racismo e classismo, assim a maioria dos pobres são as mulheres com suas crianças, e as ocupações femininas são caracterizadas pelos baixos salários e status inferiores. Esta percepção é um dos imperativos para que a vida seja priorizada.

A produção teológica no primeiro mundo aborda as reflexões amadurecidas em conversas teológicas sobre as mulheres e o Cristianismo. O ponto de partida da T.F., observado por Anne Carr, foi as reflexões sobre a ordenação das mulhe-

res. Este conduziu a questões teóricas. O retorno às questões práticas já foi sob o novo horizonte de uma espiritualidade feminista cristã para as mulheres. Da vida brota a teoria, e a teoria feminista por ter fortes implicações éticas sempre re-conduz à prática, não questiona apenas conceitos, sobretudo desafia comportamentos.<sup>55</sup>

Na América Latina e Caribe, *a experiência ultrapassa a produção escrita [...] este aspecto outorga-lhe um maior dinamismo vital*.<sup>56</sup> A produção teológica é menos visível e mais coletiva. Surge da vida das comunidades cristãs, onde há mulheres presentes por terem feito a opção pela inserção nos meios populares ou por um trabalho de assessoria a estas comunidades ou grupos de pastoral. As teólogas latino-americanas e caribenhas, na sua grande maioria, se autocompreendem *dentro do grande conjunto da Teologia da libertação*.<sup>57</sup> Catharina Halkes, teóloga do primeiro mundo, apresenta T.F. com duas qualificações: *teologia crítica da libertação*.<sup>58</sup> Elisabeth Johnson igualmente usou a expressão *teologia feminista da libertação*.<sup>59</sup>

As teólogas, em seu ministério, desejam integrar as diferentes dimensões humanas: *força e ternura, alegria e pranto, intuição e razão*. Desejam recolher experiências de vida e de sentido que sejam interpeladoras. Na missão de teologizar acolhem o cotidiano da vida como lugar teológico, onde Deus se manifesta.<sup>60</sup>

Elisabeth Johnson assinala na escuta da mulher o delinear de um novo universo de relações, onde *Nós* não significa *não eles*, mas *nós e eles entrelaçados*. Há heteronomia e autonomia sem egocentrismo, e a independência e a liberdade estão em relação. A autonomia relacionada considera o mistério da pessoa inviolável, mas sempre em comunhão com as demais. A sensibilidade inclusiva exclui duas opções: *sexismo inverso* (a mulher situada em posições de domínio subordinando o homem), e a *uniformidade* (nivelamento de variedades e particularidades, desrespeitando o caráter único de cada pessoa). Ambos os sexos, todas as raças, vivendo um novo relacionamento de reciprocidade e comunhão.

O conteúdo deste artigo foi pesquisado exaustivamente para compor um dos capítulos de um trabalho acadêmico anterior. Retomar este mesmo tema para a Revista Espaços trouxe-me a oportunidade e a alegria de poder compartilhar uma reflexão sempre atual. Porém, trouxe-me também, a confirmação sobre a longa caminhada que ainda se apresenta *para que a maioria das mulheres seja acolhida como uma graça de maturidade pela Comunidade cristã*.

<sup>55</sup> Cf. A. CARR, op. cit., especialmente pp. 1-4.

<sup>56</sup> M. P. AQUINO, op. cit., p. 194.

<sup>57</sup> M. C. BINGEMER, op. cit., p. 62.

<sup>58</sup> Cf. C. HALKES, ob. cit., p. 548.

<sup>59</sup> E. JOHNSON, op. cit., p. 58.

<sup>60</sup> Estes pontos e outros mais são detalhados no Documento Final do Encontro Latino-americano de Teologia desde a perspectiva da mulher. In DEI, *El rostro femenino de la teología*, pp. 205-208.

Oxalá, o Papa Francisco, sempre tão atento, sensível e solidário, aponte trilhas para este novo universo buscado por tantas mulheres cristãs e de outras experiências de fé, um universo de relações inclusivas de comunhão e de acolhida respeitosa das diferenças entre homem e mulher e, desta forma, a humanidade se torne transparência da comunhão trinitária.